

NEGÓCIOS INICIATIVAS OBSERVATÓRIO EY/NEGÓCIOS

Inovação a duas velocidades

Há empresas em Portugal com grande capacidade de inovação, mas existe um grande leque de empresas em que a luta pela sobrevivência não passa pela inovação.

FILIPE S. FERNANDES

Na inovação em Portugal encontramos um país a duas velocidades, diz António Vidigal, presidente da EDP Inovação, “existe um grupo de empresas familiares que não foi capaz de resolver a sucessão dos fundadores, profissionalizando a gestão, o que as torna incapazes de se adaptar aos novos desafios e para as quais a inovação nem sequer é um tema”. Mas há o lado solar da inovação constituído por “empresas que actuam no mercado global, possuem gestão de nível mundial, com capacidade para criar oportunidades em qualquer geografia”.

António Vidigal realça ainda “a existência de um número elevado de ‘start-ups’, que desenvolvem tecnologia de ponta e têm grande capacidade de crescimento”. João Carlos Mateus, director-geral do Parque de Ciência e Tecnologia do Alentejo (PCTA), tem uma visão semelhante e afirma que “as nossas empresas estão mais inovadoras e temos uma nova vaga de empresas e empreendedores totalmente abertos para este tema”. Aduz ainda que “Portugal tem empresas muito inovadoras que são, em alguns casos, referências à escala global”.

A inovação encontra-se numa situação muito díspar nas empresas portuguesas pela análise de António Vidigal. Se muitas empresas portuguesas começam a integrar a inovação na sua agenda estratégica, há muitas outras empresas em que, como refere António Vidigal, “a inovação não é uma das prioridades do



Adelino Oliveira /EDP

António Vidigal diz que a inovação se encontra numa situação muito díspar nas empresas portuguesas.

CEO e não existem, dentro da empresa, pessoas com a responsabilidade de assegurar que a inovação é abordada de forma sistemática”. Salaria ainda que “embora a inovação seja fundamental para a criação de valor e essencial para o crescimento económico, verifica-se ainda que nem todas as empresas portuguesas têm a inovação na agenda e a abordam de forma coordenada”. Por sua vez João Carlos Mateus sinaliza que “o número de empresas inovadoras

Nem todas as empresas portuguesas têm a inovação na agenda.

têm vindo a aumentar substancialmente nos últimos anos, no entanto, ainda existe uma grande margem de crescimento que deve ser conseguida para o desenvolvimento de Portugal”.

Um aspecto interessante da inovação praticada em Portugal e que é o facto de surgir como resposta ao mercado. Como refere João Carlos Mateus “a maior parte da inovação realizada no nosso país surge de forma reactiva, ou seja, em resposta ao mercado, não sendo proactiva, isto é, criando novas necessidades com novos produtos e serviços”. Mas esta realidade também encontra explicação no facto de as empresas viverem com dificuldades financeiras, o que as leva a ignorar e não investir na inovação ou a fazê-lo com grandes restrições financeiras. Como explica António Vidigal, “existem, infelizmente, empresas a operar em

modo de sobrevivência e sem disponibilidade nem foco para abordar o tema da inovação”. O que, acrescenta, é a maior parte das vezes “um erro pois a inovação poderia ser o instrumento para quebrar a espiral negativa em que se movem. Para o conseguirem as empresas teriam de se focar nas áreas em que podem aumentar a criação de valor, o que por vezes é difícil”.

Em termos de processos de inovação “a situação mais comum é as empresas começarem por realizar um par de ‘workshops’ de inovação por ano, nos quais são colhidas as prioridades assim como um conjunto de ideias que depois se procura colocar em prática. A etapa seguinte passa por formalizar uma área específica de inovação com a responsabilidade de dinamizar o negócio de forma estruturada e sistemática.” ■

TOME NOTA

As barreiras da inovação

Alguns obstáculos à inovação em Portugal segundo João Carlos Mateus.

RISCO

Inovar é arriscar, pois implica investir sem saber se o sucesso e o retorno vão ser atingidos.

CUSTO

Para se investir é necessário, entre outras coisas, suportar um custo, ter estratégia e liquidez. Como refere João Carlos Mateus “o acesso ao financiamento para a inovação nem sempre é fácil”.

COOPERAÇÃO

Outra barreira prende-se com a falta de capacitação interna de conhecimentos nas empresas, o que deveria incentivar a ligação aos centros de investigação e de desenvolvimento, onde estão os investigadores e os especialistas. Esta ligação e cooperação aumentam as probabilidades de sucesso e facilitam a resolução de problemas e a manutenção dos conhecimentos de ponta. A investigação aplicada e a transferência de tecnologia são essenciais para a inovação, mas há dificuldades na sua execução.

CULTURA

João Carlos Mateus salienta “a dificuldade cultural dentro e entre as instituições em juntar valências, numa lógica concertada, que permitam inovar em conjunto”.

MEDO DO INSUCESSO

Existe muito o medo de errar e do insucesso. “Nunca devemos esquecer que quando erramos uma vez, a probabilidade de voltar a errar novamente nesse mesmo ponto é bem mais reduzida” salienta o director-geral do Parque de Ciência e Tecnologia do Alentejo.

Políticas públicas ajudam a inovação

A inovação é uma actividade complexa e de rede, que combina competências e recursos de um conjunto de entidades, e em que as empresas são o “player” central. Mas estas vertentes ganham muitas vezes uma outra dimensão devido às políticas públicas de apoio à inovação, empreendedorismo e competitividade.

António Vidigal, presidente da EDP Inovação, exemplifica com o exemplo do apoio ao projecto de energia eólica flutuante, WindFloat Atlantic, que é um dos casos de “apoio explícito do Governo a grandes projectos inovadores com potencial de dinamizar a indústria nacional”. Este gestor faz um balanço positivo das políticas públicas de inovação. Destaca que “a articulação com o programa Europeu Horizonte 2020 tem motivado o

aparecimento de consórcios que promovem projectos estratégicos para o País e estimulam uma crescente ligação entre a universidade e a indústria”. Também João Carlos Mateus defende que, nos últimos 10 anos, Portugal “deu um grande salto no incentivo e na consciencialização da inovação. Esta tendência tem ‘perdido velocidade’ nos anos mais recentes, mas o balanço referente à última década é, sem qualquer dúvida, positivo.” Acentua que nos últimos anos “subimos nos ‘rankings’ da inovação” e que “hoje existe um conjunto de mecanismos de apoio que pretendem estimular a inovação impensáveis no início da década passada e uma nova geração inovadora”.

O presidente da EDP Inovação faz ainda referência à reorganização do capital de risco público numa estratégia de concentração de esforços. Considera que “esta maior eficiência é importante na actual situação de crise que tem fomentado uma atitude nova em relação ao empreendedorismo. Os jovens, em particular, vêm esta opção como uma alternativa cada vez mais interessante num mercado com poucos empregos e perspectivas reduzidas de progressão corporativa.” ■

Nos últimos 10 anos, Portugal deu um grande salto no incentivo à inovação.

THINK TANK

As nove personalidades

Estas nove personalidades formam o think tank que tem como principal papel a análise e a discussão dos resultados do survey e é composto por diversas personalidades com percursos profissionais em que a inovação empresarial tem sido crucial.

António Neto da Silva, presidente da Deimos – Engenharia

Licenciado em Economia pela Faculdade de Economia do Porto, ocupou cargos públicos tendo sido secretário de Estado do Comércio Externo 1990 a 1991, vice-presidente do ICEP e leccionou em várias universidades portuguesas. É CEO da Financetar e é presidente da Proespaço - Associação Portuguesa das Indústrias do Espaço.

António Vidigal, presidente da EDP Inovação
Licenciado em Engenharia Electrotécnica pelo Instituto Superior Técnico, está no Grupo EDP (Energias de Portugal) desde 1977 tendo ocupado vários cargos técnicos e de gestão no grupo de energia.

Daniel Bessa, director-geral da COTEC

Licenciou-se em Economia, na Faculdade de Economia do Porto e doutorou-se pelo ISEG. É director-geral da COTEC Portugal desde 2009. Foi professor na Faculdade de Economia do Porto entre 1970 e 1990 e ministro da Economia em 1995. Ocupou vários cargos de administração em empresas e foi presidente da EGP - University of Porto Business School (2000-2009).

Helena Garrido, directora do Negócios

É professora de Jornalismo Económico e Jornalismo e Instituições Europeias na Universidade Lusófona, tendo iniciado a carreira de jornalista em 1987. É licenciada em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa.

João Carlos Mateus, director-geral do Parque de Ciência e Tecnologia do Alentejo-

CaixaCapital

Economista, é mestre em Gestão e Estratégia Industrial e esteve ligado à Estratégia de Lisboa e ao Plano Tecnológico.

Luís Florindo, executive director da EY

Licenciado em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa iniciou a sua carreira na KPMG e passou pelo Icep Portugal, na Agência Portuguesa para o Investimento e na AICEP Portugal Global. Está na EY desde Março de 2013.

Luís Portela, chairman da Bial

Licenciado em Medicina, foi médico no hospital de São João. Em 1978 passou a gerir a Bial, empresa da família de que se tornaria o único accionista. Em 2010, a Bial começou a comercializar o anti-epiléptico Zebinix, o primeiro medicamento português. Em Janeiro de 2011, passou as funções executivas para o filho, António Portela.

Manuel Caldeira Cabral, professor da Universidade do Minho

Licenciado em Economia pela Universidade Nova de Lisboa, doutorado pela Universidade de Nottingham e é professor da Universidade do Minho desde 1994. Actualmente é um dos consultores para a política económica e financeira do PS.

Miguel Cruz, presidente do IAPMEI

Licenciou-se em Economia pela Universidade Católica Portuguesa em 1990 e doutorou-se oito anos depois pela London Business School. Além das ligações académicas passou, em termos profissionais e de gestão, pelo Banco CIFS - Grupo BCP e programa PRIME.

Publicidade



OBSERVATÓRIO
EY | NEGÓCIOS
Inovação

COMPETITIVIDADE
INVESTIMENTO
INOVAÇÃO

O Observatório EY | Negócios arranca com um Barómetro sobre INOVAÇÃO e o respetivo Think Tank.



negócios

Para mais informações:
<http://observatorioey.negocios.pt>